

## **Memória(s) da Velha Guarda da Sociedade Cruzeiro do Sul**

Magna Lima Magalhães<sup>1</sup>

### **Um pouco da história**

A Sociedade Cruzeiro do Sul, fundada em 28 de outubro de 1922, nasceu a partir da vontade de um grupo formado por integrantes negros de organizarem um clube de futebol, que recebeu o nome de Sport Clube Cruzeiro do Sul. O clube, sem sede própria, realizava seus jogos com times de cidades vizinhas, nas terras da família Malaquias, localizadas no atual Bairro Rincão. Alguns dos integrantes do Clube também participavam do Bloco dos Leões, que, durante as festividades carnavalescas, desfilava pela Avenida Pedro Adams Filho. O Bloco contava com a presença de negros em sua formação, principalmente de moradores do Bairro Guarani, antigo Bairro África.

A necessidade de ter um espaço que propiciasse encontros, atividades esportivas e festividades, instigou a fusão do Bloco dos Leões e do Sport Clube Cruzeiro do Sul, dando início a uma ação conjunta por parte de seus integrantes para a conquista de um local que possibilitasse a construção da sede da Associação Esportiva, Beneficente e Cultural chamada Sociedade Cruzeiro do Sul. A partir de um esforço de grande parte da comunidade negra de Novo Hamburgo, iniciou-se o trabalho de compra do terreno, bem como da construção da sede e da organização da sociedade. Ela estabeleceu-se à rua Osvaldo Cruz, 96, no Bairro Primavera, no município de Novo Hamburgo.

Criada a partir da organização em torno do futebol e do carnaval, solidificou-se ao longo de sua trajetória por ser um espaço agregador do elemento negro, não só da região em que estava inserida como também de sujeitos de outras localidades<sup>2</sup>. Na sede da sociedade, comemoravam-se os momentos mais importantes das famílias negras do município e da região, tais como aniversários, batizados, festas de enlaces matrimoniais<sup>3</sup>. Era também em sua sede que ocorriam os bailes de debutantes, que apresentavam as moças negras à sociedade, além disso, servia como local acolhedor de discussões e de

sociabilidade concretizadas em jantares e almoços<sup>4</sup>. Foi essa sociedade, fundada e organizada por integrantes negros, que presenciou e testemunhou Novo Hamburgo<sup>5</sup> conquistar a sua emancipação e solidificar sua história como município.

Dentre os participantes e responsáveis por essa trajetória de conquistas, destacamos a persistência e o árduo esforço da “Velha Guarda”, assim carinhosamente identificada pelos componentes mais jovens da associação, cujo trabalho resultou na constituição da mais renomada Sociedade de Negros da região do Vale dos Sinos.

### **Memória(s) da Velha Guarda**

Nossa investigação iniciou a partir dos primeiros contatos com integrantes da Velha Guarda, cujo acolhimento e disponibilidade serviu (e está servindo) de fio condutor para nossos estudos. Eles gentilmente dividiram conosco suas memórias e, como não poderia deixar de ser, seus depoimentos trouxeram à tona leitura(s) de vida(s), registros familiares, lembranças, momentos e passagens da história de Novo Hamburgo, que, muitas vezes, estão envoltos no esquecimento e no silêncio. A proposta de interrogar, procurar e vasculhar as lembranças dos componentes da Velha Guarda respalda-se no entendimento de que uma “memória pessoal é também uma memória social, familiar e grupal.” (BOSI, 1999, p.37)

Indo ao encontro do eixo norteador de nossa proposta de trabalho, que é a de entender a presença negra em um espaço notadamente de colonização branco/européia, a(s) memória(s), as experiências vividas, as ações e construções podem ser o mais valioso registro da contribuição desses sujeitos para a nossa cidade e que nem sempre foi contemplado pela história oficial. Ao mesmo tempo, propicia a possibilidade de múltiplas leituras sobre um passado multifacetado.

Essas memórias nos apontam acerca das representações identitárias da comunidade negra de Novo Hamburgo, cujas práticas sociais nos mostram que, em meio a uma organização social notadamente germânica, a presença dos negros está nos mais diversos cenários que compõem a história de Novo Hamburgo. Em grande medida,

formavam o manancial de trabalhadores dos curtumes. Atuavam também como sapateiros, músicos, pequenos agricultores, bancários, empregadas domésticas, entre outros. Além disso, destacamos também o importante papel exercido pela Sociedade Cruzeiro do Sul, enquanto local de práticas sociais construtoras de uma identidade<sup>6</sup>. Sob essa perspectiva, abre-se um leque de indagações e de possíveis análises em torno da presença do negro na região do Vale do Rio dos Sinos, que nos remetem a pensar sobre os laços de parentesco estabelecidos por esses sujeitos, sobre o fomento da associação como forma de fortalecer e demarcar espaços sociais e sobre o papel exercido pela mulher.

Salientamos aqui a importância de fazer uso da memória não só para ter acesso a fatos e informações, mas principalmente para “recuperar uma outra memória, que permita recuperar não só o ocorrido, como ressaltar as esperanças não realizadas do passado e que inscrevem em um novo presente como um apelo para um futuro diferente”. (GARCIA, apud FELIX, 1998, p.64)

Os entrevistados são sujeitos/atores, sendo que alguns acompanham a trajetória histórica da Sociedade desde a infância através da figura dos pais, como é o caso da senhora Nair Lara de Oliveira. Outros foram se inserindo quando jovens e, posteriormente, fizeram parte do quadro administrativo da associação, como o senhor Waldomiro Mello, por exemplo. Dessa forma, a Velha Guarda, assim respeitosamente denominada pelo mais jovens, é a guardiã da memória da Sociedade Cruzeiro do Sul.

Dentre os depoentes, destacamos: Nair Lara de Oliveira (83 anos); Waldomiro Mello (79 anos), Adolfa Fernandes de Mello (85 anos), Luís Oliveira (85 anos), José Osmar Lima dos Santos (83 anos), Darci da Silva (81 anos) e Dulce da Silva (78 anos).

Em todos os depoimentos registrados, destaca-se a satisfação pela oportunidade de contribuir com o projeto de pesquisa. Percebemos que a participação estimulou a autoestima dos entrevistados e, porque não dizer, o surgimento de um outro olhar em relação ao papel exercido por eles na associação. Concomitante, notamos a preocupação com o que

poderiam ou não falar. As entrevistas concedidas deixam transparecer o sentimento de orgulho por parte dos depoentes, por terem participado da trajetória do “Cruzeirinho” (como é denominada a associação por alguns componentes da Velha Guarda).

O depoimento de “tia Nair”, (ou vó Nair) como é carinhosamente conhecida a senhora Nair Lara de Oliveira, trata de sua participação como presidenta da ala-feminina e da responsabilidade de organizar as festas da associação. Em suas palavras, destacou a importância dos bailes por ela organizados, citando como exemplos o “Baile das 24 Estrelas”, o “Baile das Rosas” e o “Baile de Debutantes”.

Eu fui presidente muito tempo, era eu que organizava os bailes, era eu que fazia, dizia que ia fazer tal baile assim, assim... Eu fiz duas ou três vezes eu fiz os bailes das vinte e quatro Estrelas (...) Aí porque quando eu pensava, eu vou fazer tal coisa no Cruzeiro, fazia que, olha! Menina! dava enxurradas de gente, né, então eu inventei o baile das 24 Estrelas. (...) As moças eram todas vestidas de gala, cada uma representava um Estado (...) Aí a gente escolhia das famílias, das famílias morena, a gente escolhia as moças de tal família. (Entrevista concedida em 14/06/2003).

“Vó Nair”, em sua fala, trouxe à tona seus registros sobre a associação e acrescentou a eles lembranças familiares e recordações de sua mãe e dos serviços prestados por ela às famílias ilustres de Novo Hamburgo. Ainda contemplou-nos com fotografias dela ainda jovem, na “Praça das Pombas”<sup>8</sup>, ao lado do chafariz (que ela enfatizou ser o original). Contou que a praça servia como espaço de lazer, de encontros e desencontros de muitos jovens da cidade de Novo Hamburgo.

O Sr. Waldomiro Mello, presidente da associação por três gestões, em seu depoimento, descreveu as comemorações festivas ocorridas na cidade em torno do 13 de maio, informando sobre a importância da festividade para a comunidade negra local.

O 13 de maio de Novo Hamburgo era um acontecimento fora do comum. Então nós, escolhemos, geralmente era um alugava no Rio Branco, naquela época tinha lugar para isso, chamava de capão, então lá a gente formava lá, tudo organizado, as equipes disso, equipe daquilo, cada um tinha sua função dentro, e da manhã ... e depois ia pro baile, começava de manhã e depois de noite era o baile, e aí tinha todo esse pessoal que eu falei de Pelotas, vinha tudo, vinha de longe pra fazer do 13 de maio aqui em Novo Hamburgo.

Reportando-se aos bailes:

Então, quando a sociedade fazia um baile (...) vinha gente de toda parte: de Montenegro, São Sebastião do Caí (...) todo mundo queria baile do

Cruzeiro. É que a nossa sociedade, naquela época, nós era muito rigoroso, na questão moral, de comportamento (...). O baile de debutante era famoso, porque não era uma coisa de debutante aqui de Novo Hamburgo, como também das cidades mais próximas mandavam e era muito bem organizado e era (...) da minha irmã, ela que organizava o baile (...) era só negra, era só negra. São Leopoldo, Canoas, todos mandavam os filhos (...) no caso para debutar lá no Cruzeiro.” (Entrevista concedida em 13/11/2004).

O(s) registro(s) da(s) memória(s) da Velha Guarda refere(m) também ao limite estabelecido entre brancos e negros no espaço do antigo cinema Guarani<sup>9</sup>:

No cinema, tinha o cinema Guarani, aqui no centro, em frente à Rainha das Noivas, era um cinema, era o Guarani. Então tinha platéia embaixo e tinha em cima a galeria (...) negro não podia sentar lá embaixo, tinha que sentar lá em cima. Aí fizeram uma coisa lá que ... o primeiro negro que sentou foi o irmão do Malaquias, se chamava Armando. Nós tudo sentado lá em cima, ele sentou numa fileira, era o único negro sentado, ninguém sentou perto dele.” (Entrevista concedida por Darcy da Silva em 05/06/2004).

Mas é também essa memória que, com respeito e admiração, registra a relevância de muitos comerciantes<sup>10</sup> da cidade, cujo auxílio foi fundamental em diversos momentos da existência da associação. Entre eles, podemos citar a antiga Distribuidora de Bebida Kolling, a Casa Cavasotto, a Casa Floriano e o Mundo dos Plásticos, este presente ainda hoje no comércio da cidade. São as lembranças desses integrantes que perceberam a entrada tímida do elemento branco nas comemorações e festividades ocorridas na sede da associação e os novos rumos da sua história. Assim, esses integrantes são testemunhas que presenciaram a alteração gradativa, porém contínua, nas relações sociais ocorridas no município, as quais impuseram mudanças de comportamento e resignificações culturais que redimensionaram os espaços de atuação de diferentes sujeitos na realidade sócio-histórica de Novo Hamburgo.

E é com o intuito de servir como testemunho da complexidade histórica que envolve a associação e o município, que os depoentes se permitem o direito de expressar uma leitura particular sobre “outros tempos” (grifo meu):

(...) no Rincão que se jogava, do pai do Luiz dos Oliveira. O interessante é que naquela época, por exemplo, o campo ficava ali, tinha bastante moreno,

o clube era só de moreno. Então, por exemplo, quando tinha jogo do Cruzeiro (...) o campo era tudo escuro, em toda a volta só negro jogando. Aí então na saída, na saída dos jogos (...) então era aquela fila de negros, os negro tudo saíam pra: vamo pro cinema, vamo pro baile (...) era bonito, era bonito de ver aquela reunião tão grande (...). Naquele tempo tinha trem, então todo mundo pegava o trem ia pro baile em São Leopoldo, ia pra outros lugares, mas uma data festiva é o domingo de jogo havia no campo do Cruzeiro do Sul, coisas assim que realmente não voltam mais. Tempos que é passado e vão continuar no passado, não volta mais. (Entrevista concedida por Waldomiro Mello em 13/11/2004).

O presente trabalho distancia-se do objetivo de compor uma análise mais detalhada sobre o assunto, mas tenciona esboçar, de forma sucinta, algumas lembranças, algumas recordações de experiências vividas, buscando, a partir da (s) memória(s) de sujeitos negros, integrantes da Velha Guarda da Sociedade em estudo, trazer à cena outros atores, cuja atuação é digna de constar na história do município de Novo Hamburgo.

<sup>1</sup>Mestre em História pela Unisinos, professora do Curso de História do Centro Universitário Feevale.

E.mail: magna.rs@terra.com.br – [magna@feevale.br](mailto:magna@feevale.br)

<sup>2</sup>A participação de sujeitos pertencentes à Sociedade Rui Barbosa, situada no município de Canoas (região metropolitana de Porto Alegre) nas festividades e atividades esportivas da Associação Cruzeiro do Sul consta nos registros das Atas da Sociedade Rui Barbosa, tais como na Ata n.14, de 01 de março de 1969, e na Ata n.22, de 08 de outubro de 1969. A presença de sujeitos de outras localidades é também apresentada no depoimento do Sr. Waldomiro Mello, que aponta a participação de cidadãos de outros municípios como Pelotas e Santana do Livramento, entre outros.

<sup>3</sup>A primeira união matrimonial festejada na Sociedade Cruzeiro do Sul foi a de Pedro Adão Marcelino com Gilda Feliciano. Ele morador da cidade de Canoas e freqüentador da sociedade e que, anos mais tarde, fundou a sociedade Rui Barbosa. Ela nascida em Novo Hamburgo e integrante da Cruzeiro do Sul.

<sup>4</sup>A sociedade Cruzeiro do Sul mantém até hoje a tradição dos almoços aos domingos. Muitos desses momentos estão registrados nas fotografias, a que tivemos acessos durante as nossas atividades de pesquisa.

<sup>5</sup>Novo Hamburgo conquistou sua emancipação em 5 de abril de 1927, antes era distrito do município de São Leopoldo.

<sup>6</sup>Trabalhamos com o entendimento de Castells:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. (...) quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade (...). (CASTELLS, 2000, p.23)

<sup>7</sup>Praça das Pombas era a forma simples de indicar a Praça do Imigrante.

<sup>8</sup>Nos depoimentos de Nair Lara de Oliveira e de Waldomiro Mello também constam informações sobre os espaços distintos entre negros e brancos no antigo cinema Guarani.

<sup>9</sup>Muitos comerciantes contribuíam com artigos e produtos que eram distribuídos nas festas como brindes. A associação também contou com a doação de materiais para a construção da sede.

## Bibliografia

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória. A Problemática da Pesquisa**. EDIUPF: Passo Fundo, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 2003.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado - História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

**Depoimentos:**

MELLO, A. F. de. Adolfa Fernandes de Mello. SILVA, G. T. da. Gládis T. da Silva: depoimento [Ago 2004]. Entrevistadores: M. L. Magalhães e B.C.C. Damiani. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, NIGERIA, 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto Contando Uma Outra História: Memória e Identidade da Sociedade Cruzeiro do Sul.

MELLO, J.W. Waldomiro José Mello: depoimento [Nov. 2004]. Entrevistadores: M. L. Magalhães e B. C.C. Damiani. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, NIGERIA, 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto Contando Uma Outra História: Memória e Identidade da Sociedade Cruzeiro do Sul.

OLIVEIRA, L. N. Nair Lara de Oliveira: depoimento [Jun. 2003]. Entrevistadores: M. L. Magalhães. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, NIGERIA, 2003. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto Contando Uma Outra História: Memória e Identidade da Sociedade Cruzeiro do Sul.

SILVA, D. da. Darci da Silva: depoimento [Jun. 2004]. Entrevistadores: M. L. Magalhães e B.C.C. Damiani. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale, NIGERIA, 2004. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida ao Projeto Contando Uma Outra História: Memória e Identidade da Sociedade Cruzeiro do Sul.